

## **Atividade do Fórum Mundial de Educação no contexto do FSM 2016, no Canadá**

A atividade autogestionada *“Os desafios da educação popular ante a ofensiva neoliberal: a participação social e os direitos humanos”*, promovida por organizações do Fórum Mundial de Educação, foi realizada nesta quinta-feira em Montreal- Canadá, no contexto do FSM 2016. A atividade contou com 5 debatedores/as, representantes de organizações e movimentos sociais do Brasil, Canadá, Espanha e Itália, que falaram sobre concepções, práticas e desafios da educação popular em seus contextos de atuação.

Sheila Ceccon, do Instituto Paulo Freire, falou a partir de uma concepção de Educação Popular que, seja no sistema escolar ou fora dele, é um instrumento de conscientização e politização. Educação que se opõe à transferência seletiva de um “saber dominante” de efeito “ajustador” à ordem vigente. Processo que, incorporando questões relativas à educação socioambiental e à educação em direitos humanos, constrói práticas em que homens e mulheres não se veem apenas como sujeitos anônimos no lugar onde vivem, mas como sujeitos coletivos que transformam a história e a cultura dos seus países. Falou sobre o crescente processo de mercantilização da educação e a necessidade de enfrentá-lo promovendo pedagogias que fazem da opressão e suas causas objeto de reflexão. Destacou que uma educação crítica, política, popular e emancipadora, desenvolvida COM pessoas e povos e não PARA eles, pode promover o necessário engajamento para construir novas realidades, mais solidárias, socialmente mais justas e ambientalmente mais equilibradas.

Kevin Sette, Presidente da Associação de Estudantes da Universidade de Winnipeg, falou sobre a abordagem da cultura indígena na Universidade, o racismo nela existente e o processo de resistência em curso. Atualmente todos/as estudam a cultura dos povos indígenas na Universidade mas a maioria dos não indígenas por muito tempo foi contra esta prática. Apontou o racismo existente, alimentado pelos meios de comunicação, e falou sobre uma metodologia educativa que busca fortalecer relações entre indígenas e não indígenas por meio de estudos, diálogo e reflexões sobre a visão eurocêntrica predominante e da prática de atividades pedagógicas que promovem o aprendizado em contato com a vida, com a terra. Disse que cursos de educação popular estão ganhando mais espaço na Universidade de Winnipeg e que o que está acontecendo lá está contagiando outras Instituições.

Albert Sansano, da Confederação Intersindical de Valência, falou dos movimentos de renovação pedagógica na Espanha, que atuam na perspectiva da educação popular. Destacou que para desenvolver a revolução do pensamento é preciso desenvolver a revolução da sensibilidade. Não há escola sem compromisso com o entorno social, sem que as famílias sejam o eixo central do trabalho.

Milène Lokrou, da ALIES, do Canadá, deu ênfase à importância da educação popular como resistência à mercantilização. Falou da educação popular como aquela que “dá alma” aos povos, constrói comprometimento, faz com que se percebam como atores da transformação social.

Aléssio Surian, da UNIOD UPU, da Itália, abordou o tema na perspectiva da sistematização e da descolonização. Citou um trabalho que desenvolve junto a trabalhadores da construção civil, onde os participantes passaram não só a dialogar mas a construir suas próprias concepções sobre a vida. Um deles declarou recentemente que não sabia o que estava dentro de si mesmo e nem o que tinha poder de fazer.

Contou que foi uma importante experiência de co-construir conhecimento, desaprender e aprender, crescer. O grupo de trabalho do projeto depois de estudar Paulo Freire resolveu denominar-se “Grupo Paulo Freire”.

Depois das falas da mesa os participantes reuniram-se em grupos e dialogaram sobre possibilidades de incidência, por meio da educação, no processo de construção de novas e melhores realidades. O conteúdo será, em breve, compartilhado em [www.almanaquefme.org](http://www.almanaquefme.org)

## **Sistematização das produções dos grupos**

### **1. Concepção de educação popular predominante:**

Educação que promove o desenvolvimento de aprendizagem recíproca, a construção de estratégias, o desenvolvimento das pessoas. Constrói relações e tem o território como pedagogia.

Educação que tem habilidade para construir coletivamente o conhecimento, promove a coragem para assumir posição crítica frente à realidade, para avaliar-se e construir constantemente a democracia e a solidariedade. Tem o diálogo permanente como princípio.

Educação de caráter transformador, contestador de injustiças, transformador da consciência. Promove a prática de reflexão sobre a prática. Reflexão-ação. Implica participação na busca por uma sociedade do “bem viver”, proposta que reivindica uma nova relação com a natureza, com o sagrado nela representado. Participação na perspectiva de dar a palavra e reconhecer o que é dito. É um processo, não se faz de um dia para outro, é acima de tudo um ato político. Educação popular é uma educação para a inclusão.

### **2. Ações educativas destacadas, considerando a atual conjuntura, social e política:**

Ações de conscientização, sensibilização e participação das comunidades nos processos educativos. Exemplo: ações realizadas pela Unitierra ( Pluriversidad San Cristobal Chiapas, Mexico), pela Licenciatura em Estudos Interculturais (Curso para Indígenas n Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil) , pelas Comunidades de Aprendizagem Intercultural e também pela Teologia índia.

### **3. Possibilidades de incidência visualizadas, na perspectiva da construção de outro mundo possível por meio da educação:**

Incidência em políticas públicas, iniciativas de elaboração de leis, construção de cidadania por meio de organizações cidadãs. Deixar de ser objeto para ser sujeito, promover resistências coletivas frente ao individualismo predominante. Realizar educação popular, questionando a educação formal e tradicional.

Reconhecer que as pessoas são a base da riqueza. Ricos e pobres. Todos. Não abandonar o componente ético da educação, ir da conjuntura mais próxima, no território (“micro”), ao contexto mais amplo (“macro”).